



SOCIEDADE

Projeto faz de mulheres semeadoras da ciência

Além de levarem e dividirem o conhecimento com as comunidades de onde vêm, a ideia é qualificá-las para o empreendedorismo. E, a partir daí, fazer com que contribuam com a economia por meio de produtos e inovações

» EDUARDA ESPOSITO

Fotos: Arquivos pessoais



No final de 1989, descobri um fragmento de Mata Atlântica muito degradado, em São Gonçalo, que tinha um resquício de vegetação, um riacho e alguns animais. A gente começou levando alunos e fazendo um trabalho bem simples de educação ambiental, que era de colocar as crianças em contato com a natureza"

Lourdes Brazil, pesquisadora, economista e à frente do Centro Gênesis



Conheci mulheres do Brasil todo fazendo pesquisa, trabalhando com engenharia civil, informática, trocando conhecimento e aprendendo. O museu foi uma forma de a gente conseguir enxergar outras mulheres fazendo pesquisas importantes"

Aline Santos Martins, mestre em ciências e tecnologias ambientais e que trabalha com robótica para crianças

Uma iniciativa está promovendo a capacitação e inserção de mulheres pesquisadoras no Brasil. O projeto Mulheres na Ciência e Inovação (MCI) tem o objetivo de fomentar pesquisadoras nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM). Como é focado na formação das pesquisadoras, o programa oferece palestras e oficinas que abordam temas referentes ao empreendedorismo, inovação, liderança, autoconfiança, captação de recursos e questões presentes no contexto da mulher na ciência.

A coordenadora da Escola de Ciências do Amanhã, Joana Guedes, explicou ao **Correio** que iniciativas como essas têm grande relevância no fortalecimento da presença feminina na ciência. “Ao criar um ambiente de aprendizagem, trocas e fortalecimento de redes, o MCI apoia as participantes no impulsionamento de seus projetos, fortalecendo o papel da mulher na ciência e no empreendedorismo”, observa.

Uma das etapas da capacitação foi realizada de forma presencial no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, em maio. Joana disse que, além do conteúdo teórico, houve o desenvolvimento de habilidades essenciais para o empreendedorismo, como: networking estratégico, para construir conexões valiosas no meio acadêmico e empresarial; desenvolvimento de produtos com foco na criação de um produto mínimo viável (MVP) e identificação de oportunidades de mercado; e comunicação e posicionamento, para que as pesquisadoras saibam como apresentar seus projetos para investidores e parceiros.

O curso também abordou gestão financeira e captação de recursos e modelagem de negócios e pitch (que é a apresentação, breve e direta, de um negócio, produto ou ideia, para despertar o interesse de um público-alvo). “Ao fortalecer essas competências, o MCI não apenas impulsiona carreiras individuais de mulheres pesquisadoras, mas, também, contribui para um ecossistema de inovação mais diverso, justo e inclusivo”, destaca Joana.

Ela frisa que o programa busca fortalecer a rede de apoio e cooperação entre as pesquisadoras

participantes do projeto, o que facilitará a entrada e permanência dessas mulheres em um mercado “ainda predominantemente masculino”. Como resultado, o programa conta com o patrocínio da Shell e é realizado, desde 2019, pelo British Council. Ao todo, foram realizadas seis edições com a participação de mais de 500 pesquisadoras de todo o Brasil.

“Muitos projetos nasceram e se fortaleceram a partir dessa iniciativa. O programa vem sendo avaliado de forma muito positiva pelas participantes, muitas das quais enxergam sua trajetória como um antes e depois de passar pela formação. Em 2025, foi realizada a etapa Fazendo Acontecer, uma versão mais aprofundada e presencial no Museu do Amanhã. Essa fase foi voltada para mulheres que já haviam participado de alguma das edições on-line, e teve mais atividades práticas e um olhar individual sobre cada projeto e seus desafios”, ressalta Joana.

Uma das alunas formadas

pelo Museu do Amanhã é Lourdes Brazil, moradora de São Gonçalo (RJ). A pesquisadora e economista descobriu, mais de 30 anos atrás, uma área de Mata Atlântica naquele município do Grande Rio e resolveu iniciar um trabalho de educação ambiental para as crianças da região.

“No final de 1989, descobri uma área, um fragmento de Mata Atlântica muito degradado, aqui, em São Gonçalo, mas que era muito bonito porque tinha um resquício de vegetação, um riacho e alguns animais. A gente começou levando alunos e fazendo um trabalho bem simples de educação ambiental, que era, basicamente, de sensibilização, de colocar as crianças em contato com a natureza”, relata.

Contudo, foi a partir de 2002 que o projeto ganhou cara nova. Lourdes e seus colegas começaram um trabalho de recuperação da cobertura vegetal do fragmento de Mata Atlântica e, hoje, são mais de mil mudas de pau-brasil plantadas no local. O grupo também

plantou outras espécies comuns do bioma e, com trabalhos desenvolvidos ali, em 2010 conseguiram uma parceria com o Sesc (Serviço Social do Comércio), que ajudou na guinada para a criação de um centro de educação ambiental com personalidade jurídica — o Centro Gênesis.

“Hoje as árvores já estão adultas, dão mudas e é possível encontrar algumas mudinhas perdidas pelo chão”, exulta.

Ilha de ar fresco

O projeto deu tão certo que o fragmento de Mata Atlântica tornou-se um bosque denso. Os moradores começaram a perceber que a região estava mais fresca e o ar parecia mais puro. O Centro Gênesis convidou um biólogo e um geógrafo que constataram que o espaço recuperado havia se tornado uma ilha de frescor na região. “Um dos primeiros resultados foi a constatação de que, ali, tinha se formado uma ilha de

frescor — áreas frescas em lugares de muito calor. São Gonçalo é um dos municípios com temperaturas mais altas do estado do Rio de Janeiro e quando as pessoas chegavam, viam que era mais fresco e agradável. Começou-se a pesquisar alguns bioindicadores e vimos que o centro tinha se transformado num laboratório vivo, onde era possível fazer uma série de atividades”, explica Lourdes.

A área é aberta para visitação e, além do trabalho de educação ambiental que o projeto faz com os moradores, criaram o Ecomuseu da Mata Atlântica, com espaço para o público visitar e passar o dia em contato com a natureza. Junto a 90 jovens, o projeto realizou uma pesquisa que teve capítulos publicados no Brasil e no México. Segundo Lourdes, esse resultado mudou a percepção dos participantes sobre o bairro onde moram.

Já a mestre em ciências e tecnologias ambientais e doutoranda em ciência Aline Santos Martins aplica a robótica como

ferramenta educacional para crianças da educação infantil, como forma de ensinar ciência. Ela desenvolveu oficinas e materiais didáticos com robótica para que as crianças entendam os conceitos abstratos do ensino da ciência de forma mais prática e acessível. Hoje, ensina outros professores sobre como replicar as atividades para as suas turmas.

Para Aline, participar do programa no Museu do Amanhã foi essencial no desenvolvimento de suas atividades. O programa permitiu que a pesquisadora conhecesse outras cientistas, pudesse melhorar projetos e colaborar com outras mulheres, como forma de fomentar ainda mais o espaço feminino na ciência.

“Conheci mulheres do Brasil todo fazendo pesquisa, trabalhando com engenharia civil, informática, trocando conhecimento e aprendendo. O museu foi uma forma de a gente conseguir enxergar outras mulheres fazendo pesquisas importantes”, ressalta.

OBITUÁRIO

Sergio Bermudes, advogado que fez Estado admitir morte de Vlado Herzog

» RAPHAELA PEIXOTO

O jurista, escritor e jornalista Sergio Bermudes morreu, ontem, aos 79 anos, no Rio de Janeiro, depois de meses internado em decorrência de complicações causadas pela covid-19. Capixaba de Cachoeiro do Itapemirim, era reconhecido como um dos maiores processualistas brasileiros e, além de uma trajetória de mais de cinco décadas de atuação, era reconhecido pela atuação e defesa dos direitos humanos.

Prova disso foi uma das suas defesas de maior repercussão — a de Clarice Herzog, viúva do jornalista Vladimir Herzog, assassinado pela ditadura militar em 1975. A ação resultou no reconhecimento, pela Justiça, de que Vlado morreu sob custódia do Estado, decisão considerada um marco na história dos direitos humanos no país.

O ministro Gilmar Mendes, decano do Supremo Tribunal Federal (STF), lembrou isso em publicação no X na qual homenageou Bermudes. “Destemido, enfrentou a ditadura ao defender a memória de Vladimir Herzog, ainda na década de 1970, e impôs ao regime a derrota histórica que reconheceu o assassinato do jornalista pelos militares. Nos anos seguintes, consolidou-se como uma das maiores referências do contencioso cível e do processo civil brasileiro. Transmitiu seu vasto conhecimento a gerações de juristas e formou, com rigor e entusiasmo, inúmeros jovens advogados”, disse.

O senador Carlos Portinho (PL-RJ) também lamentou a morte de Bermudes ao lembrar, no X, que foi “um dos maiores nomes do Direito brasileiro” e que “sua contribuição para a advocacia e para a Justiça no

país é inegável!”. Já o governador do Espírito Santo, Renato Casagrande, publicou na rede social que o advogado era uma “referência nacional no direito e orgulho para o nosso estado. Em homenagem à sua trajetória, decretarei luto oficial de três dias em todo o Espírito Santo”.

O Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil lamentou a morte e, segundo o presidente da OAB nacional, Beto Simonetti, “Sergio Bermudes reuniu talento, coragem e rigor técnico em uma trajetória que honra a advocacia brasileira. Sua atuação firme em momentos-chave da nossa história deixa um legado de integridade e compromisso com a profissão”.

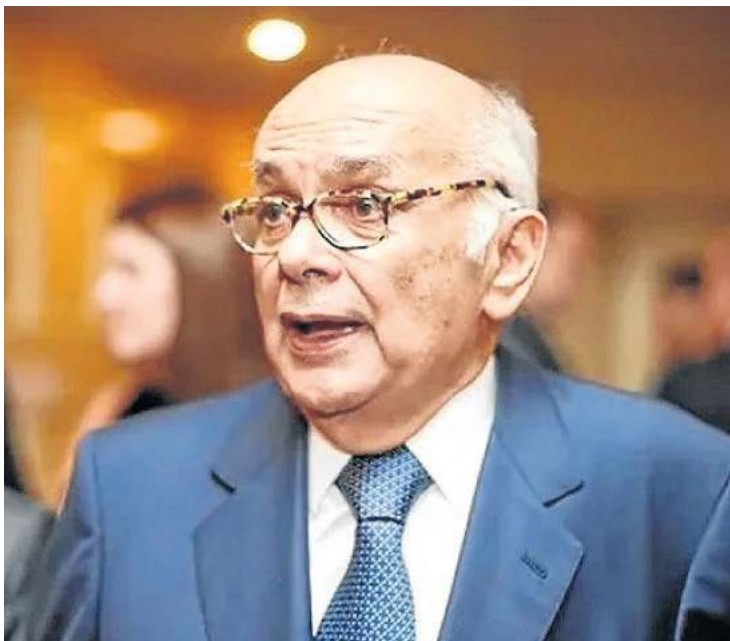
O ex-presidente da OAB Nacional Felipe Santa Cruz publicou no X que Bermudes foi “fantástico advogado, excelente professor — fui

um de seus alunos — e ser humano especial. Um carioca que nos enchia de orgulho”.

Professor desde 1970, Bermudes lecionou na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e na Faculdade Brasileira de Ciências Jurídicas. Em 1985, integrou a comissão responsável pela revisão do Código de Processo Civil e exerceu o cargo de juiz no Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro (TRE-RJ).

Fundou, em 1969, o escritório Sergio Bermudes Advogados, hoje uma das maiores bancas jurídicas do Brasil, com sedes no Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Belo Horizonte. Além de livros de direito, escreveu crônicas e ensaios reunidas em livros como *Mozart não tinha playback: crônicas e contos* e *As uvas da raiva: crônicas*.

Redes sociais



Além do direito, Bermudes também atuou no jornalismo e na literatura